

## ■ Aspectos recepcionais da adaptação cinematográfica *Jane Eyre* (2011)

### CARLA ALEXANDRA FERREIRA

Professora Doutora da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Departamento de Letras/ Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura – PPGLIT, São Paulo, Brasil.  
carlaufscar@gmail.com

*Resumo:* Este artigo visa, por meio de conceitos da Estética da Recepção, no entendimento de Jans Robert Jauss, promover um estudo da adaptação cinematográfica *Jane Eyre* (2011), de Cary Joji Fukunaga, em relação à obra literária de Charlotte Brontë, *Jane Eyre* (1847). Busca-se identificar a existência de um diálogo entre a adaptação cinematográfica e seu texto fonte. Desse modo, foram analisados doze textos da crítica referentes à divulgação da adaptação, os quais proporcionaram uma releitura atual para a obra literária, por meio da  *fusão de horizontes*.

*Palavras-chave:* *Jane Eyre*; Estética da Recepção; cinema

### SANDRA MÔNICA DO NASCIMENTO

Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Programa de Estudos de Literatura – PPGLit, São Paulo, Brasil.  
sandra.letas07@gmail.com

*Abstract:* This article aims, according to the concepts of Reception Theory as understood by Jans Robert Jauss, at studying the cinema adaptation *Jane Eyre* (2011) by Cary Joji Fukunaga, in relation to the literary text *Jane Eyre* (1847) by Charlotte Brontë. We try to identify whether there is a dialogue between the adaptation and its source text. For that, twelve pieces of criticism were analysed referring to the disseminating of the adaptation which provided the readers with a rereading of the literary text through the fusion of horizons.

*Key-words:* *Jane Eyre*; Reception Theory; cinema



## Introdução

A adaptação cinematográfica *Jane Eyre* foi lançada em 2011 e é baseada na obra literária de Charlotte Brontë, *Jane Eyre* (1847). O filme foi dirigido por Cary Joji Fukunaga, escrito por Moira Buffin, lançado pela Focus Features e BBC Film. Os atores de destaque são Mia Wasikowska, Michael Fassbender, Jamie Bell e Judi Dench.

Com o intuito de estudar tanto a adaptação quanto a obra de maneira conjunta, este trabalho busca analisar aspectos recepcionais da adaptação cinematográfica *Jane Eyre* (2011), a fim de perceber se há um diálogo com o romance de origem de Charlotte Brontë. Nessa perspectiva, propomos a leitura de doze textos críticos que fazem parte da divulgação do filme, visando verificar, nestes textos, alguns elementos intra e extra literários relevantes.

O suporte teórico para essa investigação é a Estética da Recepção ou Teoria da Recepção. Esta corrente teórica, dentro dos estudos literários, se origina com os trabalhos de Hans Robert Jauss na década de 1960, que propõe uma nova concepção de história da literatura que se constrói por meio da *produção, recepção e comunicação*. Dessa forma, a interpretação da obra literária se dá na relação dialógica entre literatura e leitor, ocasionando um processo de interação entre estes.

## Estética da Recepção: considerações

A Estética da Recepção, preconizada por Hans Robert Jauss, propõe um projeto para uma nova história da literatura. O teórico leva em consideração a competência de leitura do leitor, e propõe um relacionamento dinâmico entre *autor, obra e leitor*. A Teoria da Recepção dialoga com o conhecimento prévio que o leitor possui do gênero, da forma, da temática das obras já conhecidas e/ou lidas.

Nesse contexto, essa teoria considera as expectativas do leitor no momento de surgimento de uma obra literária. Esta, por sua vez, não existe por si só, está condicionada à sua recepção pelas gerações que se sucedem. Assim: “a história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização de textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete” (JAUSS, 1994, p. 25).

É importante enfatizar que esses conhecimentos caracterizam o leitor para Jauss, uma vez que este o considera como uma pessoa autorizada para contribuir com a recepção da obra. Essas vozes autorizadas, contudo, restringiram-se a pessoas que escreviam notas de rodapé, prefácios, revistas especializadas, suplementos jornalísticos, ou seja, os “homens de letras”.

A concepção de leitor inserida na História traz consigo a possibilidade de a historiografia literária ser mutável. O *horizonte de expectativas* pode, neste caso, ser retomado, superado, ou mesmo contrariado. Nesse sentido, a obra literária tem a capacidade de ser renovada. Para Jauss, a frustração do *horizonte de expectativas* promove essa renovação. O teórico diz:

O horizonte de expectativas da literatura distingue-se daquela da práxis histórica pelo fato de não apenas conservar as experiências vividas, mas também antecipar possibilidades não concretizadas, expandir o espaço limitado do comportamento social rumo a novos desejos, pretensões e objetivos, abrindo, assim, novos caminhos para experiências futuras (JAUSS, 1994, p. 52).

Nessa perspectiva, Jauss discute a distância estética de uma obra, que se encontra entre o horizonte de expectativa preexistente do leitor e a aparição de um novo texto literário. Embora o Formalismo Russo seja

um dos alvos de crítica de Jauss, sua teoria dialoga com essa Escola, no que diz respeito à definição da ruptura do horizonte de expectativa do leitor diante de uma nova obra. Para Jauss, o “estranhamento” (conceito difundido pelos formalistas russos) do leitor em relação à obra é responsável pela atribuição de um valor estético à obra. O horizonte de expectativas é positivamente frustrado e daí alterado, ocorrendo uma *desautomatização* (outro conceito do Formalismo) do ato da leitura. Caso o leitor considere a obra algo esperado e óbvio, não acontece o avanço em relação ao previsto; a obra não apresenta grande valor estético. Para Jauss, essa distância pode variar, uma vez que uma obra pode causar estranhamento para alguns leitores, em determinado tempo, e ser óbvia e esperada para outros, em um outro momento. O teórico argumenta que:

[...] um passado literário só logra retornar quando uma nova recepção o traz de volta ao presente, seja porque, num retorno intencional, uma postura estética modificada se reapropria das coisas passadas, seja porque o novo momento da evolução literária lança uma luz inesperada sobre a literatura esquecida [...] (JAUSS, 1994, p. 44).

Nesse sentido, o leitor deve realizar uma leitura a contrapelo, a fim de atribuir à obra literária novamente o caráter artístico. Desse modo, há a possibilidade da reconstrução do horizonte de expectativas, uma vez que, no diálogo com o passado, o leitor conhece as questões para as quais o texto constituiu uma resposta; essa constatação pode trazer, no presente, a possibilidade de uma recepção diferente do texto; pode ocorrer uma mudança na maneira como o leitor recebeu a obra, em um momento anterior. A história da recepção de uma obra literária se dá, portanto, na  *fusão de horizontes* (conceito que Jauss desenvolve a partir das idéias de seu mestre Gadamer). Neste caso, verifica-se a fusão

entre a recepção da obra no seu contexto de produção e nesse novo momento, contemporâneo ao leitor. Desse modo, Jauss enfatiza a abordagem diacrônica, em que o processo de recepção e produção, de colocação de problemas e surgimento de soluções por obras literárias, é chamado de *mediação*. Indica que somente pelo conhecimento desse processo é possível traçar uma sequência histórica da literatura, necessária para situar uma obra na sucessão histórica, considerando-se a história dos efeitos, das recepções anteriores. O teórico propõe, contudo, que é igualmente importante que se efetue um corte sincrônico para a história da literatura, para que se examine a recepção da obra literária em um determinado momento.

Além disso, essa proposta concebe a literatura como detentora de uma multiplicidade heterogênea e não simultânea, do ponto de vista de sua produção, que coloca para exame do historiador da literatura tanto as obras contemporâneas, como as escritas em períodos passados. A característica da multiplicidade de manifestações literárias as atualiza perante seu público. O leitor deve encontrar, nesse contexto, as obras que têm caráter articulador de diferentes fases sincrônicas, ou seja, obras de ruptura que possibilitam o processo de evolução literária.

Diferentemente do acontecimento político, o literário não possui consequências imperiosas, que seguem existindo por si só, e das quais nenhuma geração anterior poderá mais escapar. Ele só logra seguir produzindo o seu efeito na medida em que sua recepção se estenda pelas gerações futuras, ou seja, por elas retomadas, na medida, pois, em que haja leitores que novamente se apropriem da obra passada, ou autores que desejam imitá-la, sobrepujá-la ou refutá-la (JAUSS, 1994, p. 26).

O presente estudo propõe a análise da recepção atual da adaptação cinematográfica *Jane Eyre* (2011), investigando as críticas feitas pelos leitores considerados autorizados (na concepção de leitor de Jauss), e também proporcionando um diálogo com o passado, uma vez que o filme se constitui como um processo de criação de um livro do século XIX. Assim, as características a serem analisadas nas críticas partem do romance, pois, além de serem fundamentais para o entendimento da obra literária, repercutem também alguns dos principais conceitos de como o livro foi recebido em sua época.

Dessa forma, há uma tentativa de diálogo entre passado e presente, trazendo à recepção novas possibilidades de atualização da obra. Este estudo considerou a recepção do filme, a fim de verificar como o leitor/crítico retoma as características presentes na obra literária.

### ***Jane Eyre* no Cinema do século XXI**

A adaptação cinematográfica *Jane Eyre*, lançada em 2011, tem um *site* oficial<sup>1</sup>, em que aparecem doze excertos de críticas que a página principal traz em destaque. Esses trechos estão localizados acima da chamada “Assista ao trailer”, o que poderia validar uma recepção positiva do filme. De forma automática, essas críticas são sequencialmente trocadas, fazendo parte da divulgação do filme, conforme a figura abaixo demonstra:

<sup>1</sup> Disponível em: <[http://focusfeatures.com/jane\\_eyre](http://focusfeatures.com/jane_eyre)>



FIG. 1 - Imagem das críticas no site oficial da adaptação.

O destaque dado pela localização na página a essas críticas mostra que o caráter recepcional é muito importante para o olhar prévio dessa adaptação cinematográfica.

Os doze trechos ressaltados, encontrados na página principal, aparecem da seguinte maneira:

- “Beautiful. A splendid example of how to turn a beloved work of classic literature into a movie” - *The New York Times*
- “Transfixing” – *The Wall Street Journal*
- “Distinctively original and bewitching!” - *USA Today*
- “Attracts with a deep tidal force!” – *Chicago Sun-Times*
- “Fiercely intelligent & Passionate” – *ELLE*
- “A classic for a New Generation” – *Rolling Stones*
- “Let the swoons begin!” – *Vanity Fair*
- “Mia Wasikowska is amazing. Hands down my favorite Jane” - *New York Magazine*
- “Romantic, thrilling & often scary!” – *US Weekly*

- “Two actors who strikes sparks! ‘Jane Eyre’ hits the jackpot with Mia Wasikowska” – *Time Magazine*
- “Truly suspenseful” – *Ebert Presents At The Movies*
- “Thrilling&feverishlysoulful!” – *NPR*

Para a análise dessas críticas, é necessário compreender alguns aspectos principais da obra literária de Charlotte Brontë. O romance *Jane Eyre* (1847) demonstra como o contexto vitoriano interfere nas ações da personagem principal da obra. A Era Vitoriana, o período do reinado da rainha Vitória (1837-1901), iniciou uma fase prolongada de um progresso pacífico, conhecido como *Pax Britannica*. Isso pôde acontecer devido à consolidação da Revolução Industrial, que espalhou o empreendimento colonial da Inglaterra, o imperialismo no exterior. Essa descoberta deu um impulso para o desenvolvimento de uma mídia social e ilustrada; outro fator é a questão do puritanismo social geralmente atribuído à classe média da Inglaterra Vitoriana.

A construção da obra literária *Jane Eyre* segue a forma de um *Bildungsroman*, que é um romance que narra a história do amadurecimento de uma criança até a vida adulta, demonstrando suas emoções e experiências, as quais a acompanham durante todo o seu crescimento até a maturidade. Essas fases de desenvolvimento são demonstradas no enredo, em cinco etapas distintas, cada uma ligada a um espaço particular: a infância de Jane, em Gateshead; a sua educação na Lowood School; o trabalho como tutora de Adèle e governanta, em Thornfield; o convívio com a família Rivers em Moor House; e finalmente o seu reencontro com Rochester, e o casamento em Ferndean. Essa organização do enredo constrói e mostra

que essas experiências concorrem para o amadurecimento da personagem Jane, que se torna uma mulher experiente que narra o romance retrospectivamente.

Desse modo, as personagens do romance são construídas de forma proposital, a fim de que o leitor se identifique com as situações do seu próprio cotidiano, como, por exemplo, as temáticas do amor e do casamento. Nessa sociedade, esse assunto é apresentado com uma grande ênfase, uma vez que no enredo o ato de se casar ou não afeta diretamente o futuro da protagonista.

Essas ideias, principalmente relativas a seu papel social e à instituição casamento, foram incansavelmente difundidas nos mais diversos tipos de publicações à disposição do público setecentista. Os periódicos, as revistas femininas e os romances foram armas poderosas na divulgação de novas atitudes e valores e funcionaram como fonte de instrução para a maioria das mulheres, para quem a escola não constituía propriamente uma opção (VASCONCELOS, 2002, p.106).

Vasconcelos apresenta o romance como um produto cultural, por meio do qual a classe em ascensão buscava a divulgação e consolidação de um ideário de feminilidade adequado aos seus propósitos. É importante ressaltar que a tradição literária da época também influenciou a constituição do enredo, uma vez que a terceira geração do romance, representada pelo horror e gótico, está presente no início do século XIX. A literatura gótica tornou-se popular na Inglaterra no final do século XVIII e, de modo geral, descreve experiências sobrenaturais, que ocorrem em paisagens remotas e misteriosas, em uma atmosfera de suspense e medo. Embora essa obra literária não seja um romance gótico, é notória a presença desses recursos no livro.

Nesse contexto avesso à autoria feminina, as irmãs Brontë, que são autoras fundamentais no estudo

da Literatura Inglesa, publicavam seus livros com pseudônimos masculinos. Charlotte tinha o pseudônimo de Currer Bell, Emily, de Ellis Acton e Anne, de Bell Acton. Somente após o sucesso de *Jane Eyre* (1847), Charlotte revelou sua identidade. Os textos dessas autoras buscam resgatar uma sensibilidade feminina, em uma nova forma de análise em relação à interpretação masculina, tida como padrão. A mulher passa a ter voz e a explicitar o patriarcalismo, provocando a liberação das opressões sentidas por ela.

Para a investigação aqui proposta, foi analisada a ocorrência de elementos intra e extra literários, relacionados à obra e à escritora: Charlotte Brontë; irmãs Brontë; o enredo; o gênero literário romance; a Era Vitoriana; a literatura Gótica, e história de amor. Essa investigação se dá pela verificação da ocorrência desses elementos nos doze textos críticos que aparecem em posição de destaque no *site*, a fim de se perceber se há diálogo entre a obra literária e sua adaptação.

### **Análise das Críticas: possíveis diálogos?**

Para a análise das críticas, a fim de proporcionar uma melhor visualização dos dados encontrados, foram confeccionados uma tabela e um gráfico. Esse procedimento de análise, possibilitado pela Estética da Recepção, oferece uma organização adequada dos dados em que se podem perceber indícios fundamentais da recepção do filme *Jane Eyre*, os quais serão demonstrados a seguir:

Críticas	Elementos da Obra Literária							Total
	Charlotte Brontë	Irmãs Brontës	Enredo	Romance	Era Vitoriana	Literatura Gótica	História de Amor	
The New York Times	x	x	-	x	x	x	-	5
The Wall Street Journal	x	-	x	x	x	x	x	6
USA Today	x	-	-	-	x	x	x	4
Chicago Sun-Times	x	-	x	x	x	x	-	5
ELLE	x	x	x	x	x	x	x	7
Rolling Stone	x	-	-	x	x	x	x	5
Vanity Fair	x	-	-	x	x	-	-	3
New York Magazine	-	-	-	-	-	x	-	1
US Weekly	x	-	-	x	-	x	x	4
Time Magazine	x	x	-	x	x	x	-	5
Ebert Presents	x	-	-	x	-	x	x	4
NPR	x	x	x	x	x	x	-	6
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>10</b>	<b>9</b>	<b>11</b>	<b>6</b>	

Fig. 2 - Análise das Críticas<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Gráfico elaborado pelas autoras.

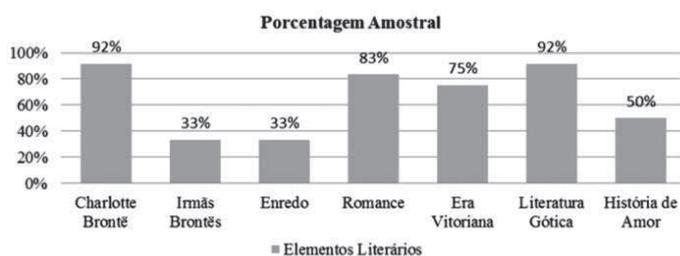
Essa tabela foi elaborada por meio da relação entre as críticas mencionadas e dos elementos pré-definidos da obra literária. Dessa forma, houve uma análise individual de cada artigo, em que se observou se os elementos literários pré-definidos estavam presentes ou não. Para o elemento encontrado, foi colocado um “X” no gráfico, caso contrário, um traço.

A tabela da Fig. 2 revela, ao final de cada linha, a soma dos elementos da obra literária de forma individualizada. A última linha apresenta o total das ocorrências dos elementos da obra literária em relação a todas as críticas analisadas. Com esse recurso, podemos notar como os elementos literários aparecem em cada uma dessas críticas, e observar quais delas apontam para um maior ou menor grau de relação com a obra literária.

A crítica com maior referência aos elementos literários pré-definidos foi feita pela revista *ELLE*, em que são apontados todos os sete elementos. Por outro lado, a crítica com menor frequência, apenas um elemento, foi feita pela *The New York Magazine*. O jornal *The Wall Street Journal* e a rede de rádio National Public Radio mencionaram seis dos elementos selecionados.

Os jornais *The New York Times*, *Chicago Sun-Times*, as revistas *Rolling Stone*, *Time Magazine* e o programa *Ebert Presents At The Movies: Reviews, Critics, Shows* indicaram a ocorrência de cinco. O jornal *USA Today* e a revista *USWeekly* citaram quatro. A revista *Vanity Fair* reportou três.

O gráfico abaixo demonstra a porcentagem de cada elemento literário em relação ao espaço amostral das 12 críticas.



**Fig. 3** – Porcentagem Amostral<sup>2</sup>

<sup>2</sup>Elaborada pelas autoras.

Esse gráfico indica que, no espaço amostral analisado, os elementos mencionados relacionados à obra literária, aparecem na seguinte ordem: com maior frequência foram autora da obra, Charlotte Brontë, e a Literatura Gótica, totalizando 92%, cada um. Em seguida, 83% para o gênero literário da obra, o romance. Nessa amostragem há, para o contexto histórico da Era Vitoriana, um total de 75%. A menção à história de amor corresponde a um total de 50%; e finalmente os elementos, enredo e irmãs Brontë vêm com 33% para cada um, aparecendo com menor frequência.

Esse procedimento de estudo, possibilitado pela Estética da Recepção, revelou, por meio da análise da recepção cinematográfica, o que está sendo mais e ou menos evidenciado pelas críticas, em relação à obra literária. É importante enfatizar que a Teoria da Recepção

proporciona a possibilidade de ressaltar essas correlações e de alertar de forma significativa para a existência desses dados, oferecendo ao analista uma “porta de entrada” de análise essencial para pesquisa sobre obras e adaptações para outras mídias.

Por outro lado, é importante refletir sobre os limites que essa teoria apresenta, uma vez que, por meio dela, não é possível apreender os motivos, os porquês, da discrepância nos valores porcentuais. Nesse caso, esse estudo, em outro momento, deveria estabelecer um diálogo com outras teorias críticas, com outros suportes interpretativos, em que se considere, por exemplo, características, políticas, históricas e sociais, ou seja, elementos de análise externos ao objeto de estudo. Nessa perspectiva, não é o objetivo deste trabalho responder sobre os motivos pelas escolhas feitas e mostradas nos artigos, e sim demonstrar as possibilidades de análise através da Estética da Recepção.

A investigação dessas críticas indica outros trabalhos já realizados com a mesma temática, divulgando e instigando o público a conhecer outros filmes. Em especial há um diálogo com outras adaptações de *Jane Eyre*, tanto para o cinema, quanto para a televisão (série), e indicações para filmes feitos anteriormente por pessoas que trabalharam no elenco de *Jane Eyre* (2011).

Os filmes indicados com maior frequência foram: “Sin Nombre” (2009), dirigido também por Cary Joji Fukunaga, vencedor com esse filme do prêmio *Directing Award*; “Tamara Drewe” (2010), em que Moira Buffini também foi roteirista; “*Alice no País das Maravilhas*” (2010) e “The Kids Are All Right” (2010), nos quais a atriz Mia Wasikowska (protagonista da adaptação *Jane Eyre*) atuou, e “Bastardos Inglórios” (2009) e “Fish Tank” (2009), nos quais Michael Fassbender (protagonista da adaptação *Jane Eyre*) também trabalhou.

A recepção da adaptação cinematográfica, além de levar a outras referências de filmes, pode, muitas vezes, retomar a publicação da obra literária. Em especial, com essa adaptação aconteceu isso: no mesmo ano em que ocorreu o lançamento do filme, concomitantemente, a obra literária foi reeditada, trazendo em sua capa o cartaz do filme. Nesse caso, fazendo uma referência explícita ao filme.



**Fig. 4** - Capa do Livro Europa-América<sup>3</sup>

A Paixão de Jane Eyre, publicada pela primeira vez em 1847, atraiu de imediato a atenção do público da época e dividiu a crítica. Habituada às heroínas de Jane Austen, que pareciam conhecer exatamente o seu lugar no meio social, a sociedade britânica sentiu-se desconfortável com o personagem feminino criado por Charlotte Brontë: embora as ações de Jane observem o código convencional de comportamento feminino, deixam transparecer também uma poderosa declaração de independência das mulheres [...].<sup>4</sup>

Essa reedição foi realizada pela Europa-América em março de 2011. Na capa há uma indicação para que o leitor: “Leia o livro. Veja o filme”. É evidente, que há uma estratégia de mercado que almeja conciliar a divulgação

<sup>3</sup>Disponível em: <[http://www.europa-america.pt/product\\_info.php?products\\_id=1651](http://www.europa-america.pt/product_info.php?products_id=1651)>

<sup>4</sup>Disponível em: <[http://www.europa-america.pt/product\\_info.php?products\\_id=1651](http://www.europa-america.pt/product_info.php?products_id=1651)>

do filme com futuros possíveis leitores e vice-versa, e que também quer envolver o público leitor da obra, como possíveis espectadores. No entanto, o livro é reeditado com outro nome, *A Paixão de Jane Eyre*, que não é o título original da obra literária. Essa questão não pode passar despercebida, uma vez que a ênfase na paixão e na história de amor também pode ser uma estratégia para a venda. É importante salientar também que, na descrição do livro, há um diálogo com o público leitor de Jane Austen, possivelmente para que esses sejam convencidos a ler a ficção de Charlotte Brontë.

Nesse caso, a estratégia de marketing também revela um possível diálogo entre a adaptação cinematográfica e a obra literária, uma vez que promove a divulgação do filme e simultaneamente reedita o livro. Há um processo de via de mão dupla, uma vez que a adaptação passa a ser divulgada através do seu texto fonte, e vice-versa.

Com esse intuito, no site da adaptação cinematográfica de *Jane Eyre* (2011), há várias possibilidades de o público leitor e/ou espectador conhecer tanto o trabalho realizado durante as gravações do filme, através de lugares, fotografias, *slides*, entrevistas, como de saber mais sobre a autora Charlotte Brontë, uma vez que há também indicações de *slides*, com dados históricos, com a divulgação de outras adaptações da obra literária para outras linguagens. Há, por exemplo, uma entrevista com a roteirista do filme, Moira Buffini, que explica o seu processo de criação do roteiro baseado na obra literária. A roteirista revela a sua paixão por Charlotte Brontë, desde quando era adolescente:

Quando foi o seu primeiro encontro com o romance de Charlotte Brontë? Eu acho que tinha uns 15 anos. Eu estava na escola, e eu literalmente não conseguia deixá-lo. [...] Embora eu o tenha achado de leitura difícil por causa de sua linguagem rica, e algumas de suas ideias, [...],

eu nunca tinha lido um livro tão apaixonante. Eu ainda acho que não li um livro tão apaixonante como *Jane Eyre*. Isso teve um efeito profundo em mim, não só por ser uma história de amor sombria e brilhante, mas por causa do que ela diz sobre a sociedade, sobre a riqueza e a pobreza, sobre mulheres e homens.<sup>5</sup>

É evidente o processo de divulgação da obra literária, uma vez que o filme foi baseado no livro. O filme foi realizado pela BCC Film, e em seu site de divulgação há um Guia de Estudos Online referente à obra literária, e também um link de indicação para o Museu das irmãs Brontë. Esses indicadores são importantes para validar o diálogo com a obra literária.

### Diálogos Possíveis

De acordo com alguns conceitos importantes da Estética da Recepção, percebe-se que a adaptação cinematográfica de *Jane Eyre* (2011) pode levar a um diálogo com a obra literária de Charlotte Brontë, *Jane Eyre* (1847). Esse processo valida a tese de Jauss, de que a recepção da obra literária é dinâmica. O teórico aponta que, por meio da recepção o leitor pode revitalizar a obra, efetuando novas leituras.

É válido ressaltar que Jauss não preconiza, em seu trabalho, críticos especializados como escritores de *sites*, e nem textos retirados da internet, como é o caso deste estudo. No entanto, o teórico promove, por meio da Estética da Recepção, um diálogo entre o passado de uma obra e o seu presente, estabelecendo assim *a fusão de horizontes*.

Jauss examina ainda as relações do texto com a época de seu aparecimento. A reconstituição do horizonte de expectativas não só possibilita uma recuperação do processo de comunicação no momento em que a obra surgiu, como também

<sup>5</sup> “When did you first encounter Charlotte Brontë’s novel? I think I was about 15. I was a school kid, and I couldn’t put it down. I literally could put it down. Although I found it a difficult read in terms of its rich language, and some of its ideas, [...] I had never read such a passionate book. I still don’t think that I have read such a passionate book as *Jane Eyre*. It had a profound effect on me, not just because it’s a dark and brilliant love story, but because of what it says about society, about wealth and poverty, about women and men.” (Tradução para o português de nossa responsabilidade.)

cria oportunidade para que seja feita a recuperação da história da recepção (FERREIRA,1998, p.6).

A história da recepção revela que o horizonte de expectativas da obra literária de Charlotte Brontë ocorreu em uma história de amor e paixão. Já com a análise de dados da releitura da obra, feita pelas adaptações, os elementos literários de maior destaque fizeram referência à autora da obra e à literatura gótica. Nesse contexto, há uma revitalização da obra por parte do público leitor atual, em que uma nova possibilidade de interpretação para a obra é gerada.

Nesse sentido, a Estética da Recepção, além de promover a história da recepção de uma obra, suscita uma relação da literatura com a sociedade, em que, considerando o ponto de vista do leitor, revela o seu caráter formador. De acordo com Jauss, “A relação entre literatura e leitor pode atualizar-se tanto na esfera sensorial, como pressão para a percepção estética, quanto também na esfera ética, como desafio a reflexão moral” (JAUSS, 1994, p. 53).

A literatura pré-forma a compreensão de mundo do leitor, repercutindo então no seu comportamento social. Desse modo, a evolução da literatura se dá não só no campo estético, da percepção, mas também no campo ético, provocando a reflexão moral.

## Conclusão

Este estudo demonstrou a importância que a Teoria da Recepção tem para os estudos literários, uma vez que atualiza a leitura e/ou a releitura que fazemos de uma obra, principalmente por meio de sua história de recepção. O diálogo entre o passado e o presente, possibilitado pela  *fusão de horizontes*, em especial do leitor e de seu conhecimento de mundo, tem muito a contribuir com a análise de uma obra.

É válido ressaltar também que a Literatura e o Cinema são figurados com suas diferentes linguagens, e que pode ocorrer um estudo comparado, para além da questão da fidelidade. Nesse estudo, os objetos pesquisados foram simultaneamente o filme e o livro, nos quais se percebem diálogos do filme para com a obra e vice-versa. A Estética da Recepção proporcionou ainda uma discussão atual e a revitalização de uma nova interpretação da obra literária.

## Referências

*Alice no País das Maravilhas*. Direção Tim Burton, Produção Joe Roth, Jennifer Todd e Suzanne Todd. Baseado no romance *Alice no País das Maravilhas* de Charles Lutwidge Dodgson. EUA. Walt Disney Pictures, 2010, Inglês. DVD

*Bastardos Inglórios*. Direção Quentin Tarantino, Produção Lawrence Bender. EUA. Universal Pictures. Universal Pictures, 2009, Inglês. DVD

BRONTË, C. 1816-1855. *Jane Eyre*. Lenita Esteves/Almiro Pissetta (Trad.), Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

EUROPA AMERICA. *A Paixão de Jane Eyre*. Disponível em: <[http://www.europa-america.pt/product\\_info.php?products\\_id=1651](http://www.europa-america.pt/product_info.php?products_id=1651)>Acesso em: 20/12/2013.

FERREIRA, R. T. R. Marguerite Duras no Brasil: Aspectos da Recepção Crítica. Universidade Federal de Santa Catarina. 1998. [Dissertação de Mestrado].

Fish Tank. Direção Andrea Arnold, Produção Nick Laws e KeesKasander. United Kingdom. IFC Films, 2009, Inglês.

*Jane Eyre*. FOCUS FEATURE. (Disponível em: <[http://focusfeatures.com/jane\\_eyre](http://focusfeatures.com/jane_eyre)>). Acesso em: 10/06/2012.

*Jane Eyre*. Direção Cary Joji Fukunaga, Produção Alisson Owen e Paul Trijbits, Baseado no romance *Jane Eyre* de Charlotte Bronte. EUA. Focus Features, 2011, Inglês.

JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sergio Telarolli. São Paulo: Ática, 1994.

*Sin Nombre*. Direção Cary Joji Fukunaga. Produção Gael García Bernal e Diego Luna. México e EUA. Focus Features, 2009, Espanhol.

THE BRONTË SOCIETY & BRONTË PARSONAGE MUSEUM. Disponível em: <<http://www.bronte.org.uk/default.aspx>> Acesso em: 20/12/2013.

*The Kids Are All Right*. Direção Lisa Cholodenko, Produção Jeff Levy-Hinte e Gary Gilbert. EUA. Focus Features, 2010, Inglês.

VASCONCELOS, S. G. *Dez lições: sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002. p. 165.

ZILBERMAN, R. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

[Recebido em 29 de abril de 2013  
e aceito para publicação em 03 de julho 2013]